

## O ENSINO REMOTO E AS POSSIBILIDADES DE LER E ESCUTAR SOBRE AS LENDAS E OS CONTOS POPULARES.

*Ingrid Jahn Macedo*<sup>1</sup>

**Eixo temático** : 10 Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas.

### Resumo

Nas escolas da rede pública de ensino é observado que o trabalho com a língua portuguesa se restringe apenas aos livros didáticos e, dessa forma, os professores acabam limitando as possibilidades pedagógicas de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, buscando explorar o trabalho com a literatura proponho nesse artigo uma análise sobre a importância do resgate da literatura infantil brasileira por meio de lendas folclóricas e dos contos populares. Este trabalho foi realizado através do estágio curricular do Curso de Pedagogia, da Universidade Luterana do Brasil, em uma turma de 4º ano dos anos iniciais, da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Neste trabalho podemos perceber que os textos do folclore oferecem subsídios com os quais podemos estabelecer inúmeras possibilidades de trabalho linguístico, sem, no entanto, cairmos na normatização de gêneros, de análises estruturais e gramaticais que separam a língua da sua realidade dentro da sociedade.

**Palavras chave:** Lendas; Contos Populares; Gêneros Textuais; Leitura; Produção Textual.

### Introdução

Os bens culturais, imateriais, trazemos desde os primórdios da nossa civilização, passando de geração em geração, a princípio pela tradição oral. As histórias eram contadas ao redor do fogo, como forma de divertimento, conversava-se, contavam-se casos, tendo a participação tanto de adultos quanto de jovens e crianças. Longe de suas casas, os viajantes relatavam e sempre repetiam suas aventuras para que não esquecessem suas tradições e

---

<sup>1</sup>Estudante de Pedagogia (ULBRA). Estagiária da disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Anos Iniciais e /ou EJA. Contato: ingridjahn13@gmail.com.

sua língua. E assim foi e, graças a estudiosos da área, conseguimos resgatar e eternizar essas manifestações sociais e culturais. Ariès em “A história social da criança e da família”, esclarece:

Na sociedade antiga, o trabalho não ocupava tanto tempo do dia, nem tinha tanta importância na opinião comum: não tinha o valor existencial que lhe atribuímos há pouco mais de um século. Por outro lado, os jogos e entretenimentos iam muito além dos momentos furtivos que lhes dedicamos, formavam um dos principais meios de que dispunha uma sociedade para expandir seus laços coletivos, para se sentir unida. Isso se aplicava a quase todos os jogos, mas esse papel social aparecia melhor nas grandes festas sazonais e tradicionais. Elas se realizavam em datas fixas do calendário, e seus programas seguiam em geral regras tradicionais. Essas festas só foram estudadas por especialistas em folclore e tradições populares, que se situam num meio quase exclusivamente rural. Mas, ao contrário, elas envolviam toda a sociedade, de cuja vitalidade era a manifestação periódica. Ora, as crianças – as crianças e os jovens – participavam delas em pé de igualdade com todos os outros membros da sociedade, e quase sempre desempenhavam um papel que lhes era reservado pela tradição. (ARIÈS, 1981, p.51).

Não poderíamos deixar de citar Luís da Câmara Cascado, pesquisador das manifestações culturais brasileiras que deixou para a posteridade todo o seu interesse pelas coisas do povo por meio de sua vasta produção e uma enorme preocupação com o resgate do nosso folclore, lembrado aqui, por Linhares (2002): “Pensar, falar, escrever, pesquisar sobre o folclore é sempre muito prazeroso porque se trata de vivências, antigas ou atuais, compartilhadas ao longo de gerações. Afinal, traduz o pensar, sentir e agir do povo, como bem definiu Luís da Câmara Cascado”.

Personificando as identidades sociais, a cultura popular envolve símbolos e comportamentos que podem ser a origem de novas informações, como afirma Guimarães (2002, p. 98): “a linguagem popular é aquela em que prevalece a função de comunicar. Manifesta-se de modo oral, escrito ou ainda por meio de gestos, com certo predomínio da primeira forma”.

## **2 Fundamentação teórica**

Segundo tais pesquisas sobre a temática que nos propomos a trabalhar, a linguagem é dinâmica, imprecisa, se adquire de maneira informal. Nesse sentido, a ação pedagógica deve ser pensada como uma possibilidade que permita o aluno a interagir no contexto da ação verbal, compreendendo o mundo em sua volta, participando e trocando conhecimentos. Língua e Literatura não devem ser vistas como um amontoado de normas

fundamentadas e teóricas e, sim, como saberes que se encontram num dado contexto de diferenças e contradições neste mundo.

Quanto à escrita, podemos citar Marcuschi (2005, p. 17) afirmando que, quando ela está enraizada em uma sociedade, se constitui como importante processo, ainda sobre a mesma ideia o autor diz:

A escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo direto com a oralidade. Estes contextos são, entre outros: o trabalho, a escola, o dia-a-dia, a família, a vida burocrática, a atividade intelectual. Em cada um desses contextos, as ênfases e os objetivos do uso da escrita são variados e diversos. Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir, fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas. Seria interessante que a escola soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e maleabilidade, servindo até mesmo de orientação na seleção de textos e definição de níveis de linguagem a trabalhar. (MARCUSCHI, 2005, p.19).

Não podemos simplesmente trabalhar um texto por si só, sem um objetivo, o texto propõe um contexto e, conseqüentemente, “a realidade do pensamento e das vivências”. (BAKHTIN, 2003, p.307). A escola pode ser o espaço que dará ao aluno uma experiência de vivências, a fim de compreender as práticas da linguagem, reforçada pela interdisciplinaridade como “fenômeno de uma interlocução viva, que perpassa todas as áreas do agir humano”. Quanto maior o contato com a linguagem, na diversidade textual, mais possibilidades se têm de entender o texto como material verbal carregado de intenções e de visões de mundo.

Dessa forma, durante o estágio curricular docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental fui à busca de um trabalho pedagógico que salientou o estudo do folclore, a partir de dois gêneros literários: as lendas e os contos populares. Tais gêneros textuais, ricos em significados, foram trabalhados, através do ensino remoto, em diferentes situações de leitura e produção textual, não deixando de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua materna, principalmente em sua forma escrita. Corroborando com Brandão (2006, p.60), “que ler é construir sentido e não simplesmente agrupar letras, palavras e frases ou conhecer o significado das palavras escritas”, no estágio curricular docente procurei propor a leitura de textos interessantes e que fossem significativos para meus alunos. Nas postagens realizadas dos materiais a serem recebidos pelos alunos fazia diversos questionamentos de modo que pudessem estabelecer uma leitura compreensiva dos textos.

Neste sentido, Paiva; Machado e Bezzerra, apontam a importância da mediação no processo de construção de significado pela leitura.

O papel do outro na construção do conhecimento (para que o indivíduo se aproprie do patrimônio material e simbólico que a humanidade construiu ao longo da história, é preciso a mediação de indivíduos mais experientes; assim, o processo externo concretizado nas atividades entre as pessoas se transforma em processo intrapsicológico, onde a atividade é reconstruída internamente. Portanto, construir conhecimento implica uma ação partilhada). (REGO, 2000 apud PAIVA; MACHADO E BEZERRA, 2005, p. 39)

Paiva; Machado e Bezerra (2005, p. 40), ainda salientam que “qualquer contexto social ou cultural que envolve a leitura e/ou a escrita é um evento de letramento; o que implica a existência de inúmeros gêneros textuais, culturalmente determinados, de acordo com diferentes instituições e usados em situações comunicativas reais”.

Assim, levando em conta a importância do trabalho escolar com destaque ao trabalho com textos, o Folclore se tornou uma ferramenta importante no estágio docente. Para Bakhtin (2003, p. 256) “O folclore e os contos costumam ser saturados de tempo; todas as suas imagens são profundamente cronotrópicas. O tempo do folclore, a plenitude de tempo, o futuro folclórico, os medidores humanos do tempo – tudo isso são questões importantes e essenciais”. Embora o autor não esteja fazendo um estudo folclórico em sua obra “Estética da criação verbal”, valoriza o fenômeno como grande influência dentro da literatura.

### **3 Metodologia**

Nesta seção trarei o relato de minha experiência docente remota, enquanto estagiária do Curso de Pedagogia, da Universidade Luterana do Brasil, em uma turma de 4º ano dos anos iniciais, de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, na cidade de Porto Alegre – RS. No estágio curricular procurei trazer para os alunos um projeto intitulado “*Sítio do Lobato - Contos e Lendas*”. A proposta tinha por objetivo sensibilizar os alunos quanto à valorização e a importância da nossa literatura, de forma que compreendessem as obras de Monteiro Lobato como um patrimônio cultural brasileiro e oportunizar momentos de promoção à leitura a partir do trabalho com lendas e contos, de modo que os alunos pudessem compreender as diferenças entre estes gêneros textuais.

Em um mundo em que nossas crianças são constantemente bombardeadas com desenhos e informações aquém da nossa realidade, resgatar o folclore brasileiro, parece ser relevante, uma vez que possibilita a difusão de nosso patrimônio cultural. Por ser o Brasil um país extenso, recheado de lendas e mitos, o contato com as mais diferentes histórias regionais, pode ser uma oportunidade de aproximação com este universo cultural.

No decorrer do estágio foram trabalhados Contos Populares e Lendas, fazendo com que os alunos conhecessem um pouco mais sobre esses gêneros textuais. Foram apresentadas as lendas da Cuca, do Saci Pererê e de outras lendas do folclore brasileiro, trabalhando o imaginário dos alunos e sua escrita criativa, através de cantigas, jogos pedagógicos relacionados ao conteúdo e produções textuais. A leitura de episódios e a exibição de trechos da obra literária do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato, possibilitaram a organização de sequências didáticas<sup>2</sup>.

Antes de iniciar o trabalho sobre as lendas, a partir do Sítio do Picapau Amarelo e dos Contos Populares, contextualizei para os alunos a biografia de seus “criadores”, no caso Monteiro Lobato e Pedro Malasartes.

#### 4 Resultados e Discussão

Uma das atividades organizadas para o trabalho de sequência didática com as lendas foi a disponibilização das histórias em PDF, como a lenda do Curupira, do Boitatá, da Sereia lara. Depois algumas leituras e conversas sobre as lendas fiz a proposta, no grupo da turma do Facebook, que as crianças escolhessem uma das lendas e treinassem a leitura em voz alta, sendo que a lenda escolhida por cada criança deveria ser segredo, nenhum colega poderia saber antes quais lendas seriam lidas. Estabeleci um dia para que os alunos fizessem a leitura e ensaiassem, poderiam pedir ajuda, se caso fosse necessário. Cada criança deveria ler e gravar a leitura do texto selecionado, podendo ser um áudio ou vídeo, e depois compartilharia no grupo da turma ou enviaria por e-mail para a escola e/ou professora<sup>3</sup>.

Como sabemos, para formar leitores que tenham prazer pela leitura faz-se necessário disponibilizar uma literatura que respeite a faixa etária, com diferentes tipos de livros e textos, curtos ou longos, com poesias e ilustrações. Assim, no estágio docente, procurei despertar o gosto pela leitura, por isto a escolha de obras do escritor Monteiro Lobato que primou pela narrativa que desperta a curiosidade, estabelecendo um chamado para a “[...] imaginação, pela independência, pelo espírito crítico, pelo humor” (LAJOLO, 2002, p. 60). Monteiro Lobato

---

<sup>2</sup> Sequências didáticas correspondem a um conjunto de atividades escolares, organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual, oral ou escrito, com o objetivo de que os alunos possam conhecer as principais características do gênero de texto, produzindo textos adequados ao gênero proposto. (DREY; SILVEIRA, 2010).

<sup>3</sup> No momento da escrita deste artigo, a proposta está em andamento, aguardando o retorno da atividade.

escrevia para que o seu leitor não ficasse entediado. As suas obras estão povoadas de leitores, escritores e narradores.

Neste sentido, a organização de uma atividade de leitura oral, pode oportunizar para os alunos a apropriação dos personagens das lendas, a ampliação do vocabulário, o reconhecimento da estrutura do texto e os usos linguísticos típicos deste gênero textual.

Outra atividade que gostaria de destacar foi o trabalho com os contos populares e a atividade da exibição vídeo em que a contadora de histórias, conta uma das histórias de Pedro Malasartes. Esta estratégia didática – exibição de “pequenos contos” foi um recurso didático muito utilizado no estágio remoto. A prática de ensino remoto, no que envolve ao universo do trabalho na escola, a inclusão de tecnologias de informação e comunicação no ensino de Literatura têm se mostrado como uma ferramenta fundamental para o auxílio na formação integral e crítica do aluno. Santos e Silva (2011) registram:

O mundo atual caracteriza-se pela pluralidade de formas de compreender a realidade, exigindo o surgimento de novas narrativas no processo de produção do conhecimento. Este fato sugere a necessidade de reavaliarmos as condições atuais de produção do saber e os efeitos da diversidade de experiências sócio-político-econômicas e das novas tecnologias nas práticas culturais de leitura e escrita (2011, p. 365).

Uma nova concepção de ensino de literatura é o que a inclusão da tecnologia no ambiente escolar busca construir, atendendo às demandas sociais e culturais, assim como às políticas educacionais. Há muitas sugestões para essa nova concepção, porém nenhuma que se pretenda plena ou que seja adequada a todos os contextos sociais e econômicos. Concebidas como práticas culturais, leitura e escrita também vem acontecendo mais influências e mudanças no universo das TIC'S, proporcionando uma interação cada vez mais ampla entre leitor e o texto, e estão cada vez mais presentes no cotidiano de nossos alunos e na dinâmica de trabalho da escola. A inserção de recursos tecnológicos na leitura literária cria novas possibilidades na produção e no consumo dos textos, segundo define Silva:

Com efeito, a literatura gerada por computador (LGC), info literatura ou ciberliteratura são termos que designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação (2011, p. 5).

Sendo assim, cabe ao professor selecionar quais recursos são os mais eficazes para o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula, pois é esse profissional que conhece a turma em que leciona, quais recursos têm à disposição e quais as demandas particulares da comunidade escolar em que está inserido.

## 5 Considerações Finais

Através da discussão criada acerca da relação entre o Sítio do Pica Pau Amarelo e as manifestações folclóricas e dos contos populares é importante perceber que Lobato soube reunir na sua comunidade, o Sítio, características de um Brasil com seu saber popular em seus personagens: na boa velhinha e na caprichosa cozinheira trouxe os saberes eruditos e populares, em Visconde de Sabugosa, a filosofia do saber, nas crianças e (boneca) a curiosidade, as brincadeiras e o espírito de aventura. O folclore e os contos populares na concepção lobatiana se formaram através da formação entre o mundo real e o imaginário. Esses elementos são essenciais na narrativa de Lobato, pois permite ao leitor um contato com os ideais de um país sonhado pelo escritor.

Considerando a boa literatura lobatiana destaco o quanto a escola pode contribuir para o trabalho da leitura e escuta de diferentes gêneros, tornando-se uma oportunidade para o desenvolvimento da compreensão leitora, da negociação de significados e da construção da narrativa oral e escrita.

Nesse sentido, o folclore e os contos populares foram pensados como uma forma de gerar a compreensão leitora significativa, uma vez que o folclore parte da promoção do saber popular, da mesclagem do erudito, mas também da maneira e dos costumes que cada comunidade traz consigo para a composição desse mosaico folclorístico encontrado em cada localidade do nosso país. E tais manifestações brasileiras constituem-se como fontes inesgotáveis dos saberes construídos do nosso povo que como Lobato pensou como um Brasil no qual a nossa identidade fosse valorizada e respeitada país afora.

## Referências

ARIÈS, P. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. O ensino da compreensão e a formação do leitor: explorando estratégias de leitura. In: SOUZA, Ivane Pedroso; BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de. **Práticas de leitura no Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DREY, Rafaela Fetzner; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Gêneros Textuais nos anos iniciais. In: DALLA ZEN, Maria Isabel; XAVIER, Maria Luisa M. **Alfabetizar: fundamentos e práticas**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

GUIMARÃES, J. G. M. **Repensando o folclore**. São Paulo: Manole, 2002.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2002.

LINHARES, T. R. S. **Folcloreando na escola**. Disponível em:  
<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=2008&cat=Ensaios>. Acesso em 17 jun. 2021.

LISBOA, H. **Literatura oral para a infância e a juventude. Lendas, contos e fábulas populares**. São Paulo: Cultrix, 1968

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

PAIVA, A; MACHADO, A. R. e BEZERRA, A. **Gêneros textuais & ensino**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SANTOS, Zenildo; SILVA, Maria Vitória da. **O ensino de Literatura num espaço globalizado: a parceria das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem**. Fólio – Revista de Letras, v. 3, nº 2, p. 361-378, jul./dez. 2011.